ANO 9.º — Sexta-feira, 18 de Agosto de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 435

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(∗)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Universidade de Coimbra

Um coio da reacção

A Universidade de Coimbra, especialmente a sua faculdade de Direito, continua mantendo impavidamente, sob a Republica, as *gloriosas* tradições dos tempos da monarquia.

Degenerada pelo espirito fradesco, foi debalde que o marquez de Pombal lhe fez sentir a sua acção reformadora. Aquilo não tinha cura. Por isso, sob o constitucionalismo, continuou a sua triste odisseia: retrocesso, ignorancia pedantesca, vaidade, guerra a todo o espirito de progresso, de independencia e odio de morte a quem quer que se não curvasse, reverente, perante a dogmatica e sapiente burrice catedratica...

Que o digam Teofilo Braga e Antonio José de Almeida, vitimas ilustres entre centenas de vitimas obscuras...

O dr. Assis, mais que um homem, foi um simbolo. Incompetencia e reacção.

Por estes antecedentes se explica que de Coimbra tivessem saído o ministro da justiça da ditadura franquista, o sinistro Teixeira de Abreu, e, ainda ha pouco mais de um ano, a figura torva e perversa de Guilherme Moreira, que, na aventura germanofila-monarquica-pimentista, ocupou egual pasta.

A faculdade de Direito, que devia ser o santuario da Lei, o paladio da Justiça, a fornecer os seus mais infames espesinhadores!

A Republica, no periodo das reformas revolucionarias, podia ter feito uma obra de alto alcance, extinguindo aquele foco de retrocesso e creando, em sua substituição, duas universidades: uma em Lisboa e outra no Porto. Com tal medida, muito teriam lucrado não só os estudantes, mas os proprios lentes, que, colocados em meio diverso, mais amplo e arejado, talvez perdessem a classica embofia, a jupiteriana pesporrencia medieval, transformando-se, com excepção dos radicalmente incuràveis, em homens do seculo XX.

Em atenção a interesses regionaes, injustamente antepostos ao interesse geral da nação, não procedeu assim o governo provisorio e o anacronico estabelecimento scientifico, amputado apenas de excrecencia fossil da faculdade de teologia, continuou subsistindo.

Todavia, tão forte era esta corrente de ideias, que, a breve práso, foram creadas universidades em Lisboa e Porto; e, deste modo, mercê duma excessiva contemporisação com interesses meramente locaes, viu-se o país dotado com tres estabelecimentos universitarios, quando dois, um em Lisboa e outro no Porto, teriam bastado. E isto com a agravante do de Coimbra, pelo espirito monarquico-jesuitico que anima a maioria do seu corpo docente, ser não só inutil, mas prejudicial.

Erro enorme e cujas funestas consequencias se estão evidenciando nos acontecimentos de que a Universidade de Coimbra foi, ultimamente, teatro e aos quaes no *Democrata* temos feito referencia.

* * *

Os factos são conhecidos e é com um misto de pasmo atonito e de indignação, que subleva todas as consciencias ainda não totalmente putrefactas, que se assiste ao desenrolar dessa serie indecentissima de indecentes torpezas.

Conspiradores militantes, antigos guerrilheiros *paivantes*, feitos professores e examinadores da faculdade de Direito! Uma aluna estudiosa, assidua e inteligente desconsiderada e reprovada pelo *crime* de ser esposa de um estudante que, num gesto libertador, abandonou a canga do sacerdocio catolico! A mesma alma condenada pelo fôro universitario na pena de repreensão, seu marido em um ano e outro estudante em dois anos de expulsão! E, tentando cobrir este acervo de torpèzas, a *Sociedade de Propaganda e Defeza de Coimbra* a solidarizar-se com as façanhas do bando reaccionario, a quebrar lanças em defeza do mesmo!

Que quer isto dizer? Acaso a malta monarquico-jesuitica que domina na faculdade de Direito julga já, em seus delirios conspiratorios, o país conquistado pelas tropas mercenarias do seu Nun'Alvares de pechisbeque, D. Manuel II nas Necessidades, os jesuitas e restante malta clerical pondo e dispondo e o bispo de Beja simbolicamente investido na pasta da instrução publica?

Ou, se não é isto, o que é que lhes dá ousio para se abalançarem á pratica daquele estendal de atentados e de infamias?

Serão as brisas fagueiras e tonicas da *união sagrada*?

Será a impunidade, filha do relaxamento, ou da fraqueza, com que são consentidos os excessos e crimes da quadrilha reaccionaria, que, por fim e para cumulo, ainda encontra quem a recompense com lugares no professorado superior?

Pois talvez que a malta se engane...

Vae-se generalisando o clamor reclamando a extinção da faculdade de Direito de Coimbra, ou, pelo menos, a sua transferencia para o Porto; ontem eram dez vozes, hoje são cem, ámanhã serão mil... Póde ser que se façam ouvir...

E, na verdade, essa conspicua faculdade, que todos os anos se assinala pela perpetração de tremendas injustiças e que forneceu, só no ultimo decenio, á publica governação as figuras sinistras de Teixeira de Abreu e de Guilherme Moreira, precisa, se não suprimida, pelo menos transferida para meio onde os seus ornamentos possam substituir as teias de aranha germanofilas e medievaes, que lhes povoam as catedraticas mioleiras, por um pouco de espirito moderno de marca latina.

* * *

E não são só os lentes que estão a pedir arejamento intelectual. Se o corpo docente da faculdade está, na sua maioria, carecido de reforma, o discente afina pelo mesmo diapasão.

A academia coimbrã possue nobilissimas tradições liberaes e revolucionarias. E' sabido o notavel papel que desempenhou em todos os movimentos revolucionarios de caracter liberal ocorridos em Portugal no seculo passado, nos quaes muitas vezes empunhou armas e verteu sangue generoso, quer para implantar o regimen constitucional, quer para o defender dos ataques do absolutismo. E nisto não fez mais, essa academia, que seguir o espirito geral de todas as corporações academicas dos países civilisados, as quaes são sempre focos de magnanimos ideaes de progresso e liberdade.

Pois, por um deploravel fenomeno de retrocesso, a maioria da academia coimbrã, presentemente, até essas nobres tradições abandonou e, em perfeita comunhão espiritual com a generalidade do seu corpo docente, surge-nos monarquica e clerical!

A maior parte dos seus membros, imbecilisados pela educação que lhes foi astuciosamente ministrada nos coios reaccionarios com que a jesuitada infestara, nos ultimos tempos da bandalheira brigantina, esta patria, digna de melhor sorte, tacitamente aplaude as façanhas vis das várias Féses do corpo docente universitario, ou, se ensaia gestos de protesto, é contra as vitimas e não contra os algozes!

Estupendo descalabro moral e mental, obra perversa da jesuitada infame!

A julgar-se por este exemplo de emparvecimento, de pavorosa degradação colectiva, imagine-se a que lamaçal não teria descido o país, se a Republica não tivésse escorraçado para além fronteiras os filhos sinistros de Loiola...

Até conseguiram fazer esquecer á academia coimbrã as suas generosas tradições liberaes, os bandidos!

Enquanto o mal se não torna maior, urge que o govêrno extinga, por qualqualquer fórma, aquele foco odioso de monarquismo, jesuitismo e germanofilismo, aquele antro das mais indecentes façanhas.

Pinhal de Leiria

Um pavoroso incendio está devorando desde ante-ontem, numa extensão de alguns kilometros, este soberbo pinhal, sendo já enormes os prejuizos causados.

Os sinos tocam incessantemente a rebate, pedindo socorros. O espectaculo é terrivelmente bélo. As fabricas suspenderam a sua laboração afim dos operarios poderem trabalhar na extinção do fogo, que alastra vertiginosamente.

Não ha memoria de se ter produzido um tão grande incendio no historico pinhal.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Films...

Falar claro

Num livro que o antigo conselheiro de Estado, sr. Julio de Vilhena, acaba de publicar, lê-se este pequeno trecho que é tanto mais saboroso quanto é certo conservar-se monarquico o que assim se dirige aos paladinos da restauração da *falperra de manto e corôa*:

> Se combato a candidatura do sr. D. Manuel, apresentando factos colhidos na minha experiencia, não é por aversão pessoal que lhe dedique: é porque com isto presto o maior serviço, que um homem pode prestar ao principio monarquico.
>
> Ele é um timido, ele é um vacilante, ele pode ser um principe digno da nossa simpatia, mas, se os senhores fazem uma justa ideia do que deve ser a Monarquia restaurada, se compreendem a sua grande missão nacional, procurem outro, e deixem-no na sua tranquilidade familiar, fazendo os seus estudos de historia ou tocando o seu orgão favorito. E' um bem para ele, e um bem para a nação.

Como se vê, chama-se a isto não ter papas na lingua.

Outra tirada

Do mesmo livro do impenitente monarquico:

> Que estimulos tenho eu, pois, para no ultimo quartel da vida combater a Republica? Gratidão para com o Rei deposto? Confiança na monarquia restaurada?
>
> Como? Se eu sei que a monarquia de ámanhã, se viésse, seria a monarquia de ontem!

Testemunho mais insuspeito não póde haver. Mas o que o sr. *conselheiro* deve fazer é acautelar-se, porque se os correligionarios o agarram a geito, fritam-no...

A moda

Está cada vez mais extravagante, a moda. Agora são as damas americanas, cuja *élite* adoptou recentemente a moda de assobiar. Durante o dia onde quer que se encontrem—nos salões, em automovel, nos estabelecimentos ou nos grandes armazens—os seus labios não fazem outra coisa que não seja emitarem as mais variadas modulações.

A creadora de tão ruidosa distracção afirma-se que foi Mistress Nicolas, filha mais velha do ex-presidente Roosevell, que, pelo visto, possue não só uma bôa embocadura como tambem outros predicados que a tornam, entre os melros de bico amarelo, uma das suas mais apreciaveis competidoras...

No assobio, é clarissimo...

Comicios

Por deliberação do govêrno, vai este promover uma série de comicios publicos sobre a nossa intervenção na guerra, devendo o primeiro efectuar-se, sob a presidencia do sr. dr. Antonio José de Almeida, na Batalha, junto ao monumento que representa a vitória de Aljubarrota e o segundo ter lugar em Belem, junto ao convento dos Jeronimos, a que tambem anda ligada a historia antiga, que hoje se pretende rememorar.

Neflibatices no caso.

Ei-lo

Voltaram as esperanças. Tres *caudilhos* afamados fizeram sair uma nova folha e outros preparam-se para seguir á risca todas as indicações da grei tendentes a colocar no trono, outra vez, o sr. D. Manuel e a sua côrte.

Desconfiamos, todavia, que tal não sucederá. O sr. Julio de Vilhena tem muita força... E se ha quem sustente que *Cristo nunca existiu*, dele não se poderá dizer o mesmo porque se acha aí vivo e são como um pêro a proclamar a verdade.

Paciencia

Porque o sr. Lopes Guimarães tambem tivesse feito publicar no jornal *A Razão* a carta, que foi aqui inserta, apezar da injustiça com que apreciava a nossa conduta na questão—*chefe de secretaria da Junta Geral*—resolvemos pedir ao director do referido periodico, apelando para a sua lealdade jornalistica, a transcrição da respostas, a fim de que os seus leitores dela tivessem conhecimento.

Fômos, porêm, mal sucedidos visto que de lá nos respondem que *por o artigo conter algumas referencias um pouco desprimorosas para um colega de redacção*, não pódem fazer a transcrição pedida.

Paciencia. E desculpas ao colega se o temos ofendido por dizermos que está comendo desabaladamente á mesa do orçamento, como um bom republicano que é...

O' senhor: no tempo da ominosa não havia mesmo nenhuma moralidade...

UMA MENSAGEM

O sr. dr. Bernardino Machado enviou a *Le Journal* uma mensagem em que é confirmada nos termos mais categoricos a nossa intervenção no conflito europeu.

Diz assim:

Lisboa, 10 de Agosto — *Agradeço-vos vivamente os sentimentos afectuosos pela Republica Portuguêsa. Nos primeiros momentos, sem as inquietações da guerra, enviámos os nossos soldados a fazer a campanha de Africa, solidariamente com a nossa inseparavel aliada—a Inglaterra. Após o voto de antes de ontem, do Parlamento Português, iremos bater-nos igualmente na frente europeia, e estamos seguros de podermos assim seguir-vos nos vossos combates gloriosos. Depois do que a França tem feito durante estes dois anos de crueis provações, o seu nome é objecto de verdadeiro culto em todos os corações portuguêses.*—Bernardino Machado, *presidente da Republica Portuguêsa.*

Ainda haverá quem duvide?

Promoção

Nos despachos de justiça ultimamente feitos figura como tendo sido promovido á 2.ª classe e colocado em Mirandela, o nosso velho amigo dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro, delegado na Ilha do Pico, para onde retirou depois da sua formatura em Coimbra, ha uns bons doze anos.

Apresentando-lhe os nossos jubilosos parabens, só nos resta esperar o ensejo de, num abraço muito intimo, lhe podermos significar quanto em nós perdura a antiga amizade doutros tempos, indo inclusivamente espera-lo no seu regresso á metropole, que oxalá não demore.

Cartas intimas

—(∗)—

Ex.ma Sr.a

Ha 24 horas que aqui estou. Todavia não foi preciso todo esse tempo para que eu tomasse, pela sua amiga, absoluto conhecimento do que se tem passado durante estes longos dias de ausencia. O assunto foi um dos primeiros atingidos e depois de minuciosamente explanado, propoz-me a L. a leitura das suas cartas, para complemento, operação que logo se seguiu.

Enterneceram-me as suas palavras, simpatica senhora.

Chamo-lhe assim porque alem de tudo quanto de bom e de nobre o texto delas denuncia, alem da elevação de espirito e pureza de sentimentalidade, V. Ex.ª teve para mim frases tão cheias de justiça, que me chocaram; apreciações tão singelamente verdadeiras, que me comoveram.

Eu sou, de facto, incapaz de uma indignidade seja qual fôr a sua natureza. Prézo-me disso, e V. Ex.ª, afirmando-o, não para me lisonjear, mas numa referencia intimamente particular, encheu-me de justificado orgulho e de não menos justificada gratidão. Comprometido, pois, na primeira oportunidade, ao mais completo testemunho de penhorante agradecimento. De mais, a afirmativa de V. Ex.ª é o resultado de tantos anos de intimo convivio no qual, desde bem tenros anos, aprendeu a avaliar o meu caracter e os meus sentimentos. Lembra-se dos festivos batisados das suas bonecas, em que eu, V. Ex.ª e a priminha L., todos muito senhores dos nossos papeis, arvorados em padrinhos, em paes e em convivas, comiamos as iguarias que *concorriam* aos alegres festins como se fossem as *pessoas* dos pobres monos que o fizessem?

E, depois, quando saía o cortejo da *catedral*, que era sempre na salinha de espera, que a tia complacentemente concedia, lá estavam ao lado, sobre cadeiras, formados, os pezados esquadrões de cavalaria de chumbo e as filas cerradas de infanteria, fazendo a continencia e eu, por eles, dando os toques de clarim, vozes da ordenança e tocando a musica! Belos tempos, belissimos tempos esses! Depois a suntuosidade dos banquetes, a riqueza da baixela!! Aquelas colherzinhas de chumbo muito pequeninas, que vergavam sempre quando pretendiamos servir-nos de algum dôce... para as bonecas!

Elas é que comiam tudo, coitadinhas. A nossa Marilia, a Carmensinha, que fechava os olhos quando a deitavamos, a Irene, que dizia —*papá* e *mamã*—e que tantos cuidados merecia á prima, pela sua falta de apetite, resolvendo até leva-la ao *doutor*, cargo que desempenhei completamente, com os oculos do tio e o sobretudo dele ao lado, no escritorio!

As palavras com que respondia ás da prima, anciosa pela saude da sua menina tão magrinha, sem apetite, numa prostação alarmante:

— Descance V. Ex.ª. Garanto que não é nada de cuidado; talvez os queixaes com uma complicação de vermes. Vai a receita, minha senhora, veremos. Não se aflija que não vejo razão, felizmente, para isso.

E depois a prima, com toda a galanteria, despedia-se, agradecendo ao *sr. doutor* os seus cuidados e as suas palavras de esperança, fazendo votos para que Deus as ouvisse...

Saudosa época essa e as que

se seguiam, ouvindo-se as historias tétricas e magicas da Silvana, a bôa velhinha, que, criada da sua avó, passára a servir a mamã! Tudo já lá vae! Resta-nos apenas a saudosa e querida reminiscencia desses tempos, que foram e não voltam mais, como diz o poeta!

E' verdade: onde pára a Virginia, que tocava aquela eterna valsa no piano para os nossos bailes? Bôa menina, educada e tão simpatica. A Leonor, a Esther, a Judith, a Branca e tantas outras? Agora que acordo tempos passados, ocorrem-me todas essas figurinhas minusculas de então, com quem tantas horas aprazíveis passámos. Aqueles seus visinhos, o Armando e o Telmo, que eram considerados pessoas de *categoria* e de *cerimonia*, nas nossas festas, estão hoje oficiais de artilheria, conceituados pelo seu saber e pelo seu critério.

Os anos e as necessidades da existencia, apagaram toda essa época de candura e de desprendimento e, forçados, aos empurrões da vida, aqui estâmos ponderando e discutindo a realidade das cousas: V. Ex.ª na sua luta pelo bem, pela moralidade e pelo engrandecimento do belo sexo, é, enfim, a sua psicologia; eu, fazendo quanto possivel para navegar neste mar magno, evitando os baixios e as correntes que me arrastem e subvertam! Acho muito louvaveis os seus esforços, os seus sacrificios pela superior elevação da sociedade, enxutando, espancando toda essa sucia de criminosos que conspurcam a dignidade humana na pratica das maiores infamias disfarçadas com o maior cinismo. Mas, minha senhora, não lhe aconselho a persistencia nessa luta ingrata. O mundo hade ser mundo, como está feito e creado. O proprio Jesus Cristo, reformou, sem duvida, a sociedade nas suas bases essenciaes, graças aos grandes principios estabelecidos no seu evangelho, correspondidos na pratica rigida e impecavel com os seus actos. Mas, excelentissima senhora, o que ele não poude modificar foi a maldade, as paixões, o cinismo dos homens que sempre o fizeram pregar na cruz! Dentre os seus companheiros dedicados e queridos, um atraiçoou-o, vendendo-o; outro negou-o, falseando a verdade! Ele expulsou os vendilhões do templo, azorragando iradamente os traficantes, unica vez, reza a historia, que se exaltou, e, todavia, o que se vê agora? As maiores traficancias executadas no proprio nome dele; as maiores infamias preparadas e efectuadas á sombra do seu programa; crimes monstruosos, urdidos e praticados como logica consequencia da falsa convicção de bem servi-lo!

Mas tambem, deixe-me dizer-lhe como descargo de consciencia, que bem me parece que Deus nada se incomoda com estas cousas do nosso planeta. Ha seculos que o fazem cumplice de todos os crimes; imploram-lhe a intervenção a favor de carnificinas espantosas; imploram-lhe que auxilie os peticionarios no maior numero de vitimas a fazer; rogam-lhe tudo—favor, protecção, auxilio—e pelo que se vê, é chover no molhado.

A nada se move a divindade; e o mundo está, apezar de toda a fé e de todo o sentimento, entregue, afinal, ao seu proprio esforço, sem outro auxilio mais do que o do seu braço e o do seu cerebro!

Então V. Ex.ª acredita que se o *Palma*, o conego *óviram* e tantos outros, não excluindo as coristas de Santo Antonio, julgassem a possibilidade, sequer a mais leve, de lhe pedirem contas pelos seus actos, eles se metiam na execução dessa gimnastica religiosa, a lances tragico-comicos, de mistura com apetitosas ceias em... sacristia reservada? *Por todos los santos de la côrte del ciélo!* De quem primeiro eles se riem, bem o sei eu, acredite. E' por isso que sem aconselhar-lhe o estrangulamento completo da sua sentimentalidade, lhe recomendo mais calma, menos impetuosidade na defêsa do seu sentir, que é incontestavelmente muito nobre e muito edificante.

Melhor será a propaganda pratica. Case V. Ex.ª e será a esposa modelar como tem sido a mulher impecavel, não desfazendo em quem, como eu, antes de terminar, quer dar á sua antiga amiga de infancia uma grandissima—mais do que isso—uma *grandecissima* novidade: estou apaixonado !!!

Está a chegar-me aos timpanos o éco das suas gargalhadas—mas palavra de honra que lhe falo com a maior seriedade. Estou-a a vêr, fitando-me com os seus belos olhos, séria, muito séria mesmo, a perguntar, apontando-me o dedo indicador da mão direita:

— Quem, tu?

— Eu, sim, senhora; eu mesmo.

Fica o resto para ámanhã. Estão a chamar-me para jantar. Aguarde a continuação para me dizer depois da sua justiça.

E creia-me com respeito,

De V. Ex.ª

Mt.º at.º e venerador

N...s, 15—8—1916.

D. E. C.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Adesões

—=(*)=—

Respigâmos do *Povo de Cambra*, orgão democratico:

«Reproduzem-se como coelhos as adesões ao partido evolucionista. Ha dias, de Oliveira de Azemeis, alguns cidadãos se filiaram, e desses alguns, a avaliar pela companhia amavel que faziam ha tempos ao deputado Barbosa de Magalhães, no Hotel Avenida, daquela vila, aderem desaderindo...

Os correligionarios de Azemeis estiveram até agora indecisos, mas mais vale tarde do que nunca: mostraram, a tempo de pouco se perder, o seu ideal... democratico. Em várias pugnas esteve em cheque a comissão politica republicana por causa de combinações politicas de vantagem...

Substituida a comissão melhorava a politica, dizia-se. Pelo visto, se tal se tivésse feito, já estava hoje organisada a comissão municipal evolucionista pela adesão dos seus membros...

Muitas voltas dá o mundo, apezar de ter o Afonso Costa maioria parlamentar!»

E ainda o coléga não viu o resto. Pois julga porventura que a politica de Oliveira de Azemeis se concerta enquanto tiver a mina-la o escalracho da corrupção monarquica? Nem a de Oliveira de Azemeis nem a de muitos outros concelhos. Pelo menos se os verdadeiros republicanos se capacitarem dos seus deveres, cumprindo até ao resto a missão que se impozeram de redimir Portugal.

Do Porto

—=(*)=—

O Palacio de Cristal

Resurge emfim da morte ingloria a que o tinham votado empreza e direcção cessantes, esse formosissimo local de tão saudosas recordações para as gerações anteriores a 1900, época em que começou mais ou menos visivelmente a decadencia do encantador recinto de recreio dos portuenses.

Ou por inepcia, ou por estupidês, ou por velhacaria, ou por sordido egoismo do ultimo director, que só pensava em colher de ali quanto pudesse para satisfação do seu egoismo pessoal, que considerava aquilo como exclusivo para utilidade sua, para saciação da sua desmedida avareza e nada mais, nos ultimos doze ou quinze anos o Palacio agonisava num acabar lento, interminavel, entre os canteiros sêcos e sem flôres, as arvores sem trato e os animaisinhos esqueleticos, arreganhando os dentes com fome, guinchando infernalmente á aproximação de cada uma das raras pessoas que ali iam, na esperança de que lhes atirassem aos esfaimados estomagos alguma côdea ou algum bolo de golosice infantil.

Aquilo metia nôjo e causava dó, produzia espanto e dava revolta.

Como se consegue fazer chegar a tão mizeravel estado o que foi o mais belo jardim do Porto, o centro de reunião da *élite*, o local da moda, o *clou* das mais brilhantes festas que ha vinte anos entusiasmaram *tripeiros*, desde as meninas ainda de saiasinha curta, até aos respeitaveis burguezes de suiças grizalhas e proeminentes abdomens, desenvolvidos entre toneladas de açucar e quintais de bacalhau!

Mas o Palacio de Cristal resurge.

Depois de tentativas várias e infrutiferas, a nefasta direcção que *explorava* aquilo, agarrada aos seus já magros rendimentos como um carraço á orelha de um cão, sempre se resolveu largar o descarnado osso e o Palacio surge-nos repentinamente outra vez, pela mão do Romualdo Torres, o antigo jardim encantado dos *randez-vous* semanais, o centro do bom tom, a vitrine da moda, onde é indispensavel ir para se ser *chic*, para se dar ares...

E o Romualdo lá anda vendo, observando, dirigindo, imaginando, com o seu espirito modernista e audacioso, prescutando impressões, para melhorar, para atrair os antigos *habitués* ao velho Palacio que ele projecta transformar num centro de reunião verdadeiramente parisiense.

O Palacio renasce, volta aos seus passados dias de gloria, torna a sentir pouco a pouco o dorso das suas avenidas magnificas pisado pelo leve saltitar das botinas delicadas das jovens tripeirinhas, das *misses*, das *bones* de todo esse bando galante do amor que atraz de si arrasta uma cidade inteira—que sei eu?—um mundo...

As quintas-feiras, o dia da criançada, são um encanto no Palacio. Nesse dia o Romualdo põe a tratos a sua imaginativa para inventar atrativos para a pequenada: são minusculas charretes puchadas a burricos, burricos para cavalaria, barcos no lago, teatro de marionetes, carrinhos de mão, e o resto que ele sonha e que ainda ha dias nos resumiu na seguinte frase:

— Para o ano terei feito do Palacio um paraiso!

E é capaz disso. Quem é que no Porto não conhece o génio audacioso, a poderosa iniciativa, a inegualavel força de vontade do Romualdo?

Pois vão ao Palacio e ali a encontrarão bem manifesta naquele reerguer das proprias ruinas, naquele renascer pujante e viçoso do velho Palacio que entre as suas arvores frondosas, nas suas avenidas soberbas vai sentir palpitar de novo o bulicio de outros tempos ha tanto substituido pela tristeza do abandono, da incuria e do desprezo.

Humberto Beça

O crime de S. Bernardo

—=(*)=—

Dois reus condenados e os restantes absolvidos

Ao contrario do que se supunha não durou mais que tres dias a discussão, em audiencia, dos motivos que conduziram á morte o infeliz *Pincarinho* e á cadeia os dez indigitados assassinos a quem uma hora má levou o ano passado, por este tempo, ao arraial de S. Bernardo onde tiveram logar os desatinos que se sabe, com as funestas consequencias dum crime, por tantos titulos lamentavel em relação á vitima e autores, dois rapazes novos que teem de sofrer as agruras do carcere já que a sorte os empurrou para esse precipicio num momento de irreflexão, que hão-de ser os primeiros a lastimar, tanto por si como por suas familias, a quem o desgosto acompanha, segue e não se dissipa, tão fundamente as deve torturar a ausencia forçada dos entes queridos para expiação do seu crime.

Deveu-se isso a terem todos os advogados de defêsa prescindido da maior parte das testemunhas do rol que constava do processo e que deu em resultado ser o dia de sabado exclusivamente destinado aos debates e sentença, anciosamente esperados.

A sala do tribunal e imediações gemia ao peso de tanta aglomeração de gente como aquela que se juntou para acompanhar a ultima fase do sensacional julgamento, sendo no meio duma atmosfera asfixiante, viciada e por vezes intoleravel, que tiveram logar os discursos de acusação e defêsa, cheios de calor, alguns, serenos, calmos, sem atavios de rectorica, outros.

A's 17 horas eram entregues ao juri os cento e tantos quesitos que haviam de habilitar o venerando presidente do tribunal a pronunciar-se, sentenciando, o que só aconteceu no fim de perto de quatro longas horas gastas na conferencia dos julgadores para apresentação do seu *veredictum*. Neste dava-se o crime de ofensas corporaes, de que resultou a morte, mas sem essa intenção, como provado quanto aos réus Antonio Ferreira Balcão e Primo Nunes Genio, o *Cós*, e como não provado quanto aos restantes companheiros, o que deu em resultado serem estes condenados a 8 anos de prisão celular ou 12 de degredo e os outros absolvidos.

Esta sentença, pelo que ouvimos, não foi geralmente bem recebida.

Estava no espirito dos jurados, ao responder pela maneira como o fez aos quesitos, aliviar um pouco a pena dos reus principaes. Viram, porêm, com desgosto, que esse seu desejo fôra frustado, tão gráves se lhes afigura e ao publico as penas aplicadas.

Oxalá o tribunal da Relação, para onde o agente do Ministerio Publico recorreu, modifique, como de justiça, a sentença do sr. dr. Gama Regalão, que não queremos dizer com isto que tivesse deixado de cumprir a lei.

Para duas testemunhas, acusadas de perjuras, houve tambem egual numero de quesitos, que o juri não aprovou, atendendo a que seria demasiadamente dura a pena a aplicar a quem não teve repugnancia de se prestar a um tal papel. Tratava-se de dois menores, é certo, mas se eles davam logar a que se pudesse pôr em cheque a isenção dos julgadores, o castigo impunha-se como lição e exemplo, não vá ámanhã suceder coisa peor e de mais gráves consequencias.

LOUVORES

A ultima *Ordem do Exercito* distinguiu com especiaes referencias os seguintes oficiaes, que tomaram parte nos exercicios de Tancos:

Coronel do regimento de infanteria n.º 24, José Domingues Peres, comandante do 1.º regimento de infanteria da divisão de instrução, pelas notaveis qualidades de comando, pela sua acção disciplinadora, inegualavel zelo e dedicação que revelou no exercicio das suas funções.

Major do regimento de infanteria n.º 24, José Cardoso Pinto Queimada, pela grande dedicação pelo serviço e vastos conhecimentos profissionais que manifestou no comando do seu batalhão, devendo-se a estas qualidades, em grande parte á correcção e aprumo, em geral, manifestados pela unidade que comandou.

Congratulâmo-nos, felicitando os distintos militares por mais esta prova de notavel apreço que lhes é dada superiormente.

HAJA PUDOR

Em alguns pontos centraes do canal da cidade e designadamente nas Piramides estão-se dando quasi todos os dias scenas que por principio algum devem ser toleradas, a menos que isto tenha descido á ultima degradação moral com tacita cumplicidade das autoridades que, impassiveis, não querem saber do que vai pelo mundo... Pois era bom que saíssem dessa modorra e que compelissem todos quantos pretendam banhar-se em qualquer dos locaes referidos a faze-lo com decencia, sob pena de procedimento contra os que teimarem em exibir-se por fórma a tornarem-se notados pela mesma falta de decôro que nos obriga a estes reparos.

Parece impossivel, mas a verdade é que nunca em Aveiro se sugeitou o publico a espectaculos tão degradantes como aqueles que aí se desenrolam em pleno dia, e que teem de acabar imediatamente caso as nossas reclamações, em nome dum direito e dum dever, mereçam das autoridades a honra da sua atenção.

Vêr-se-á qual a atitude futura e como se determinam.

Carreiras de automoveis

Entre esta cidade e as praias da Barra e Costa Nova, começaram esta semana as carreiras de automoveis, tendo vindo de fóra, bastante melhorados, os dois carros que já o ano passado fizeram esse serviço.

Os preços aumentaram por enquanto só 2 centávos.

Notas mundanas

Por ter passado na terça-feira o quinto aniversário natalicio da interessante Maria Helena, filha mais nova do nosso presado amigo, dr. Abilio Marques, foi esse dia de intimo regosijo não só para seu estremoso pae, mas ainda para a restante familia, a quem envolvemos nos parabens que daqui dirigimos á esbelta pequerrucha, verdadeiro mimo de galanteria, desejando-lhe as maiores venturas.

✠ *Esteve nesta cidade o sr. Luiz Fernandes Lima, da Quintã do Loureiro, cuja visita ao* Democrata *agradecemos.*

✠ *Vinda de Lisboa, onde teve de sofrer, logo após a sua chegada de Africa, uma operação melindrosa, já se encontra nesta cidade em via de restabelecimento, a sr.ª D. Maria das Dôres Freire, esposa do digno presidente do municipio de Loanda, sr. José Moreira Freire.*

Conta partir depois de alguns dias de repouso para Caldelas e em seguida para a Costa Nova afim de se curar por completo.

São porque assim aconteça os nossos votos.

✠ *Teve ha dias o seu bom sucesso, dando á luz um menino, a esposa do sr. Joaquim Dias Baptista, residente em Ilhavo.*

✠ *Tambem por virtude do seu parto se acha de câma a esposa do 1.º tenente da armada, sr. Silverio da Rocha e Cunha, cujo lar fica acrescentado de mais uma menina.*

Felicitações a ambas as familias.

✠ *Está veraneando na praia da Torreira, o sr. Manuel Valente de Almeida e Silva, de Estarreja.*

✠ *Fez ontem anos a sr.ª D. Ermelinda de Melo Cardoso, mãe dos aplicados alunos da Universidade de Coimbra, srs. Pompeu e José de Melo Cardoso.*

✠ *Continua no mesmo estado de saude em que o démos a semana passada, o sr. dr. José Rodrigues Soares, antigo professor do liceu desta cidade.*

✠ *Consorciou-se na quinta do Passadouro, concelho de Armamar, com a sr.ª D. Elisa de Jesus, o considerado capitalista de Azemeis, sr. Narciso de Oliveira.*

AS SUBSISTENCIAS

Estão mal os lambareiros.

Devido á incuria do govêrno que de mais tem despresado a questão da alimentação publica, não ha no país assucar e algum que ainda existe vendem-no os açambarcadores pelo preço que querem, mas, alguns, nunca inferior a 60 centávos o quilo!

E' até onde póde chegar. E contudo não se adoptam providencias, não se defende o consumidor, deixa-se correr tudo á matroca, como no melhor dos mundos, porque isso convém ao comercio e o comercio é intangivel, mórmente o que nos traz acorrentado, por falta de providencias, exigindo pela venda das suas mercadorias quanto dinheiro lhe apetece, sem olhar ás dificuldades do pobre, que caminha para a miséria a passos agigantados, que geme ao peso de mil encargos, que não se alimenta quasi porque tudo é carissimo não obstante os armazens estarem a abarrotar, dizem, por falta de quem abra as suas portas de par em par, obrigando-os a abastecer os mercados.

Estão mal os lambareiros, não. Estâmos mal todos nós, que precisamos alimentar-nos e que por isso temos direito a exigir que o govêrno se não esqueça dos seus deveres, impondo-se ao alto comercio para que nem nos faltem os generos de que necessitâmos nem os preços deles sejam tão excessivos que nos obriguem a passar fome, apezar da fartura.

E' intoleravel o que se está passando com respeito a este assunto e póde ser perigoso se a inacção governativa continuar a manifestar-se como até aqui.

EXAMES

Por lapso deixámos de mencionar outro dia que tambem completaram, com honrosas classificações, o curso da Escola Normal, duas das suas mais simpaticas alunas, as sr.as D. Adelaide da Luz Santiago e D. Ester Rezende.

Felicitamo-las assim como as respectivas familias.

=A menina Inocencia, filha do capitão-nautico, sr. Antonio da Rocha Agra, fez um magnifico exame do 1.º gráu, pelo que já se encontra em casa de seus paes, em Ilhavo, a passar as férias grandes.

Muitos parabens e aos que a estremecem.

Touros em Aveiro

Está despertando o maior interesse a garraiada que no proximo dia 27 do corrente, se realisa na praça de touros desta cidade, promovida pela *Sociedade Recreio Artistico*, que caprichou em organisar um *cartel* que, decerto, os que tiverem a felicidade de conseguir bilhetes para ela, sairão satisfeitos.

Serão lidados sete bravissimos garraios da propriedade do lavrador de Vagos, sr. Manuel João Custodio, que é a primeira vez que fornece gado para esta cidade. Portanto, para estreia da sua *ganaderia*, capricha em apresentar o que de melhor possue.

O grupo de lidadores é composto de socios do *Recreio Artistico*, que estão animados a dar um cunho de alegria a esta festa. Por especial deferencia para com o *Recreio*, toma parte, lidando dois touros, a sós, o distinto amador Salema Vaz, que na corrida de 23 de julho proximo passado causou entusiasmo pelo seu variado e artistico trabalho.

A lide será coadjuvada, por gentileza para com os nossos conterraneos, pelo eximio artista do Campo Pequeno, sr. Manuel dos Santos, que devido á sua muita coragem e amor á arte, é dos artistas portuguezes que mais simpatias tem no publico.

Em breve serão colocados os cartazes e distribuidos os programas com o detalhe e elenco da corrida.

De Ovar

POR LÁ E POR CÁ

No jornal *Patria*, que se publica na Beira, Africa Oriental, de 1 de julho deste ano, veem duas locaes que bom é sejam conhecidas das nossas autoridades. Vâmos transcreve-las textualmente, e sería bom que elas servissem de incentivo ás nossas autoridades, quer administrativas quer judiciais:

> **Autoação**—Pelo delegado de saude, foi, num dos ultimos dias, autoado um dos fabricantes de pão, da cidade, por vender pão mal fabricado e cheio de bichos, de mistura com a farinha.
>
> Que o distinto funcionario se não arrependa, e continue cuidando um pouco, e tanto quanto lhe permitirem, do desprotegido publico.
>
> **Condenação**—Por ter exigido por um kilo de assucar mais do que o preço estipulado na tabela oficial, foi hoje condenado no tribunal judicial desta comarca a *um mez de cadeia remivel e dois mezes de multa*, o negociante asiatico desta praça, Osman Ibrahimo.
>
> Bom será que a lição sirva de exemplo a esse e outros negociantes asiaticos, que tem por norma desrespeitarem as leis, e que com tão pouca gentileza se conduzem num país onde tantas e tão excepcionaes regalias disfrutam.

E que dirá V., sr. Redactor, a certos negociantes desta vila de Ovar, que tendo sido eximios conspiradores, mangam com as autoridades, riem-se dos decretos da Republica, não fazem caso da hora oficial nas suas fabricas, e andam procurando comprar o milho ainda verde pelos campos para monopolio, e para ganharem mais contos sobre contos? Diz aqui o povo—e a voz do povo é a voz do diabo—que o milho não será vendido barato, porque a isso se opõe uns negociantes que se tem farto de enriquecer ha dois anos a esta perte com o suor dos pobres. Eles aí estão na praça com os seus famosos prédios; dois irmãos unidos. A estes não persegue a autoridade por motivos que por aí diz o povo em surdina.

Continuâmos como no tempo da *defunta*, senão peor. Um escandalo, uma desenfreada pouca vergonha. Vão-se fazendo prédios á custa do suor dos pobres. Que desafôro!

Tudo pôdre!!!

Efectivamente assim parece. Tudo pôdre! Causa tristeza e desânimo. Provoca calafríos. Todavía não desespere o patriotico ovarense porque os melhores dias ainda estão para vir. Temos essa fé, acalentâmos essa esperança. E ai de nós, ai do país se assim não fôr. Deixe andar. Que a ultima cartada quem a joga... bréve se saberá...

TEATRO AVEIRENSE

A Direcção do nosso teatro, desejando bem servir o publico aveirense, tem já contratadas as mais sensacionaes fitas cinematograficas para a proxima época que começará em outubro e se prolongará pelo ano de 1917, como a tabela indica.

Datas marcadas para a exibição das *grandes séries* e da *série de ouro*, a principiar pelo titulo das fitas:

Dama das Camelias, dia 15 de outubro; *Misterios de New York*, 1.ª e 2.ª séries, 19; *Submarino 27*, 22; *Misterios de New-York*, 3.ª e 4.ª séries, 26; *Yacht misterioso*, 29; *Misterios de New-York*, 5.ª e 6.ª séries, 2 de novembro; *Patria*, 5; *Misterios de New York*, 7.ª e 8.ª séries, 9; *Homem dos nove dedos*, 12; *Misterios de New York*, 9.ª e 10.ª séries, 16; *Morto sobre os rails*, 19; *Misterios de New-York*, 11.ª e 12.ª séries, 23; *Duas feridas*, 26; *Misterios de New York*, 13.ª e 14.ª séries, 30; *Paulina*, 1.ª a 3.ª séries, 3 de dezembro; *idem*, 4.ª a 6.ª séries, 7; *idem*, 7.ª a 9.ª séries, 10; *idem*, 10.ª a 12.ª séries, 14; *idem*, 13.ª a 15.ª séries, 17; *Chave mestra*, 1.ª a 3.ª séries, 21; *idem*, 4.ª a 6.ª séries, 24; *idem*, 7.ª a 9.ª séries, 25; *idem*, 10.ª a 12.ª séries, 28; *idem*, 13.ª a 15.ª séries, 31; *Tres de copas*, 1.ª a 3.ª séries, 1 de janeiro; *idem*, 4.ª a 6.ª séries, 4; *idem*, 7.ª a 9.ª séries, 6; *idem*, 10.ª a 12.ª séries, 7; *idem*, 13.ª a 15.ª séries, 11; *Comboio real*, 14.

Como se vé, explendidos espectaculos nos esperam daqui a pouco, pois todas as fitas acima indicadas são da maior reputação mundial.

CARTA

Recebemos a seguinte:

... Sr. Redactor

Não póde v. no seu jornal lembrar á Câmara a necessidade urgente de intimar aos proprietarios a obrigação de mandar caiar e limpar a frontaria das suas casas, algumas das quaes e em grande numero estão dando uma nota desagradavelmente impressionante a nós mesmos, habituados a esse espectaculo, bem podendo assim calcular quanto não produzirá no espirito dos que nos visitam, como fômos testemunhas quando da vinda do sr. ministro da marinha?

A rua do Gravito está duma fórma verdadeiramente vergonhosa. Além do grande numero de casas sujas, com a vidraria partida, portas quebradas, apresentando um conjunto de miséria e de porcaria, numa grande extensão deparamos com um muro esboroado e negro de grande altura, ligado a dois velhos pardieiros que foram ali demolidos, e que apresentam á vista do transeunte uma perspectiva desagradavel e nada consentanea com o asseio da terra.

Ha ainda a notar que os propriotarios da muralha aludida, são ricos, bastantemente ricos e que muito facilmente poderiam não só construir predios em tão grande espaço de terreno, como, em ultimo caso, derrubar o negro paredão, fazendo um simples muro, que, embelezando a rua, apagasse aquele triste testemunho de abandono de uns e de indiferença de outros.

Desculpe, mas quanto exponho julgo-o de inadiavel necessidade, como v. por certo compreenderá.

Aveiro, 11—8—1916

Am.º mt.º obrig.º

A. L.

O assunto que a carta acima refere é, sem duvida, digno de ser atendido, e por isso a tornamos publica afim de que não demorem as providencias que o caso requer.

O que se diz nela é infeliz e absolutamente verdadeiro, havendo numerosos edificios por todas essas ruas que são um autentico testemunho do mais criminoso abandono por quanto seja aceio e higiene, dando a esta linda terra uma nota deveras impressionante de miséria e de porcaria.

A rua do Gravito, que é a passagem forçada, por assim dizer, do visitante é, entre todas, a que mais se distingue em tão tristes circunstancias.

Acompanhando o pedido do signatario da carta, solicitamo-la a quem compete a sua imediata intervenção.

SIGNIFICATIVO

Estiveram durante dois dias fundeados no Tejo os cruzador-couraçado *Sufolk* e aviso *Narcisus*, de nacionalidade inglêsa, que propositadamente vieram á capital da Republica trazer amistosas saudações no momento em que nos preparâmos para entrar no grande conflito europeu, ao lado dos aliados, alvo durante esse curto espaço de tempo das maiores manifestações que o povo de Lisboa tem produzido nas ruas a favor da guerra contra a Alemanha.

Em frente ao palacio presidencial de Belem realisou-se uma parada anglo-portuguêsa, cuja minuciosa descrição é das que comovem e intensificam as almas, tão elevado foi o cunho patriotico imprimido pelos marinheiros inglêses e portuguêses a esse solenissimo acto. Um jornalista descreve-o assim:

No cais provisorio, situado junto da doca de Belem, desembarcaram, vindas de bordo do cruzador, cerca de 200 praças da marinha inglêsa: 100 armadas e equipadas e as restantes apenas em formatura. Atravessando o espaço que a separava do palacio, a força fê-lo brilhantemente, chamando a atenção dos transeuntes e dos moradores de Belem, visto que o facto, apezar da sua grandiosidade, não era conhecido do publico. Os marinheiros inglêses, com a sua charanga á frente, foram formar á direita dos nossos, fazendo ambos, com toda a solenidade, as respetivas continencias. Enquanto isto se dava, os dois almirantes e comitiva eram introduzidos na *sala dourada* do palacio, sendo então apresentados ao sr. Presidente da Republica e aos membros do ministerio, pelo sr. ministro de Inglaterra, trocando-se afetuosos cumprimentos, demorando-se o sr. dr. Bernardino Machado a conversar com os dois almirantes e bebendo-se uma taça de Champagne.

Pouco depois o sr. Presidente da Republica desceu ao jardim do palacio nacional, e com todo o ministerio, oficialidade de terra e mar e grande numero de senhoras, dirigiu-se para a varanda que olha para a praça de D. Fernando, ficando entre os dois almirantes inglêses, de cabeça descoberta, saudando o povo, que, respeitosamente, o cumprimentava da rua. Deu-se então um espetaculo emocionante e altamente significativo, unico talvez na nossa historia contemporanea. A força dos marinheiros portuguezes, com a sua banda executando a *Portuguêsa*, evolucionou garbosamente, formou a meio da rua de Belem e pôz-se depois em marcha, com as espingardas em continencia, olhando o Presidente da Republica, enquanto toda a oficialidade, inglêses e portuguêses, perfilados, correspondiam á saudação. O povo, eletrisado, estranho deante do espetaculo imprevisto, irrompeu em vivas á Republica e á Inglaterra. O seu entusiasmo subiu mais ainda quando, pouco depois, a força inglêsa, esplendorosamente bela, constituida por marinheiros firmes, altivos, frontes erguidas, marchando com a maxima desenvoltura, encetou a mesma marcha, levando á frente a charanga executando uma marcha guerreira. Enquanto os nossos marinheiros se postavam perto da calçada da Ajuda, os inglêses davam uma volta á praça e voltavam de novo a colocar-se deante do logar onde estava o sr. Presidente da Republica. Foram fazer a continencia ao chefe do Estado, numa demonstração que afirmou bem a maior consideração em que a Inglaterra tem o nosso país. Os inglezes, em evoluções certas, precisas, matematicas, manobrando as espingardas como se fôra num exercicio ensaiado, de baionetas caladas, com uma unção e um respeito que impunham aos presentes

a maior emoção, á voz do seu comandante apresentaram firmemente as suas armas, enquanto a charanga executava com a maxima correcção e o maior sentimento, os acordes do nosso hino nacional. Insensivelmente, o povo sentiu os olhos marejar-se-lhe de lagrimas, sendo grande tambem a comoção do venerando Presidente da Republica e dos seus convidados. Ao mesmo tempo, o contra-almirante Yelverton, com voz forte e sonora, ecoando na alma de todos, saudou em inglês, na pessoa do Presidente da Republica Portugueza, a nobre nação aliada, a que os marinheiros inglezes, erguendo alto os bonéts, corresponderam com os mais entusiasticos, sinceros e vibrantes *hurrahs!* O povo cada vez mais sensibilisado, irrompeu tambem em freneticos vivas á Inglaterra, á Republica e ás nações aliadas, enquanto, nesta altura, a banda do corpo de marinheiros tocava o hino inglez.

Depois, as duas forças, com as respetivas bandas, desciam a caminho da Baixa, ficando ainda no palacio todas as pessoas que atraz mencionâmos, demorando-se junto do sr. Presidente da Republica, vivamente impressionado com o espectaculo grandioso a que acabava de assistir. Os marinheiros inglezes vieram a pé para o Cais do Sodré, onde embarcaram para bordo dos seus navios, sendo muito aclamados no trajecto e na ocasião do embarque por grande concurso de povo que os acompanhára desde Belem.

PELA IMPRENSA

—=(•)=—

"Atlantida,,

Os créditos deste inegualavel mensario artistico, literario e social, que vê a luz da publicidade em Lisboa, firmam-se por cada numero que sáe e se espalha. O n.º 10, que agora foi posto á venda, é um mimo. Abre-o um magnifico retrato do venerando presidente da Republica, devido ao lapis de Antonio Carneiro, e a sua colaboração firmam-na conhecidos escritores, como João de Barros e João do Rio, directores da revista, Augusto de Castro, Delfim Guimarães, Paulo Osorio, Julio Brandão, Nuno Simões, Jaime Cortezão, etc., etc.

A empresa da *Atlantida* cumpre, pois, á risca a missão que se impôz, contribuindo para o estreitamento das relações entre o Brazil e Portugal por meio duma publicação rigorosamente moldada nos principios que, como base, a democracia coloca acima de tudo—os principios da educação e dos costumes sociaes do povo.

Honra lhe seja.

Familias dos mobilisados

—=(•)=—

O govêrno civil de Lisboa fez distribuir pelas autoridades administrativas suas subordinadas a seguinte circular:

Para seu conhecimento e devidos éfeitos, abaixo se transcreve a circular n.º 2, de 4 do corrente, que pelo ministério da guerra, repartição de abonos aos mobilizados, foi dirigida a este Govêrno Civil.

Com a publicação do decreto n.º 2:498 de 11 do mês findo, teve o govêrno da Republica em vista atenuar e minorar, quanto possivel os prejuizos causados aos cidadãos chamados ao serviço militar, atendendo não só ás suas pessoas; como tambem amparando as suas familias, quando privadas de recursos, enquanto eles estão prestando á Patria e á Republica os serviços que a uma e outra devem todos os portuguêses, e assim tornando-se indispensavel, urgente e de toda a justiça, providenciar desde já ás condições economicas em que se acham ou venham a ficar as familias das praças chamadas ao serviço militar, na presente conjuntura, incluindo mesmo aquelas a quem o decreto n.º 2:498 de 11 de julho aplica o seu artigo 4.º, isto é as que estão cumprindo o serviço obrigatorio, em conformidade com a lei do recrutamento, encarrega-me s. ex.ª o ministro da guerra de rogar a v. ex.ª se digne determinar a todas as autoridades administrativas suas subordinadas, enviem com a possivel urgencia, directamente á repartição de abonos aos mobilizados, no ministério da guerra, nota das pessoas das familias que se acharem nas condições do artigo 19.º do citado decreto, a fim de lhes ser abonada a subvenção constante da tabela a que se refere o artigo 21.º convindo que se indique o nome, numero da praça, unidade a que pertence e residencia da familia, e bem assim que a informação relativa a cada familia interessada, seja feita em separado.

Isto posto, s. ex.ª o governador civil, encarrega-me de lhe recomendar, que por parte dessa administração se dê o mais exacto cumprimento e cabal execução ao disposto na circular acima transcrita.

* * *

A titulo de esclarecimento, cumpre-nos reproduzir o texto do art.º 19, que diz:

Quando as praças de pret forem chamadas ao serviço militar, nos termos do art. 5.º, e permaneçam nas fileiras mais de trinta dias ou forem convocadas para serviço de campanha, serão concedidas subvenções diarias ás pessoas de suas familias, abaixo indicadas, quando se prove que estas estavam a seu cargo exclusivo, que não teem meios alguns de subsistencia e que são incapazes de, pelo seu trabalho, os poder adquirir; a) mulheres; b) filhos de idade inferior a 16 anos; c) ascendentes que tenham mais de 60 anos; d) irmãos ou irmãs de idade inferior a 16 anos; e) mulher sexagenaria que criou ou educou desde a infancia o militar convocado, tendo este sido exposto, orfão ou abandonado. São equiparados aos indicados nas alineas, os individuos que, tendo idade diversa, se mostrem fisicamente impossibilitados de trabalhar.

Anuncios